

Jacques Lacan - 100 anos de um gênio

Taciana Mafra

São poucas as vezes em que a humanidade assiste à construção de idéias geniais, como as que nasceram da mente do francês Jacques Lacan. E é incomum que a difusão de tais idéias encontre afirmações em seu tempo, visto que antecipam, em muito, o conhecimento que mais tarde advirá pelos instrumentos acumulados na cultura. De maneira geral, tais homens são cercados por um grupo, por vezes grande, por vezes pequeno, que terá a função de difundir seu pensamento, mas, raramente, esse pensamento novo, que recoloca os elementos da ordem vigente, se difunde sem tensões, oposições e equívocos.

Além do mais, não é sem problemas que a exegese de um pensador como esse se conforma, já que não é simples a tarefa de acompanhar uma “sacada” de gênio, depreender novos conceitos e situar-se numa engrenagem sujeita a idas e vindas em sua construção.

No caso de Jacques Lacan, o estilo de seu pensamento e a natureza de suas proposições suscitaram a impressão de um pensamento hermético e inacessível.

De fato, foram necessários quase cinquenta anos desde o início de seu ensino, para que seus discípulos pudessem situar-se na transmissão de suas idéias. As nervuras para que se produza essa feição, de tantas dificuldades, já foi motivo para muitos estudos e observações, mas o importante a sublinhar é que o estilo de Lacan obedece à lógica de uma personalidade marcante e incansável na construção de questões complexas e na procura de suas articulações.

Nascido em 1901, numa família burguesa de tradição católica, na Cidade das Luzes, Jacques-Marie Émile Lacan cursará Medicina e, depois de especializar-se em Psiquiatria, defenderá uma tese sobre a paranoia no contexto do movimento surrealista, o qual buscava o entendimento da loucura como expressão humana sujeita a uma estética, que ganhava cada vez mais adeptos na literatura e nas artes plásticas.

Se a interlocução de Freud foi basicamente estabelecida com médicos, nos primórdios da prática analítica, a interlocução de Lacan alcança um vasto campo de diferenças, montando um diálogo com muitos intelectuais que nem sempre buscavam a formação analítica.

O cenário das construções lacanianas obedece à exigência das reconstruções do pós-guerra e, especialmente no que concerne à Psicanálise, restabelece a leitura de Freud, então devorado pelo ideal americano da psicologia adaptativa, que toma a forma da Psicologia do Eu.

Atravessado pelo estudo de Hegel ministrado por Kojève e dialogando com as categorias heideggerianas sobre o Ser e o Tempo, que retoma Heráclito, Lacan articula uma teoria do sujeito inconsciente conectando o cogito cartesiano com o inconsciente freudiano a partir de uma rede conceitual edificadora do campo epistemológico da Psicanálise, no umbral da Filosofia.

Dois mil e quinhentos anos de estudos sobre a consciência serão visitados por Lacan, atentamente, na busca das operações que produzem “o fenômeno do espírito humano”.

Certamente, uma empreitada como essa exigiu uma erudição ímpar e a clareza do lugar da linguagem no humano, para o que Lacan contou com a linguística estrutural de Ferdinand de Saussure e com os ensinamentos de Lévi-Strauss sobre as redes simbólicas constitutivas da cultura e do parentesco. Assim, elaborou a máxima que sustenta toda a sua obra: “O inconsciente é estruturado como uma linguagem”.

Se procurarmos os nomes dos grandes pensadores do século XX, indubitavelmente encontraremos com destaque o nome de Jacques Lacan, e guiados pelo que vem se revelando cada vez mais patente, podemos dar a ele a atribuição da criação dos elementos mais precisos enquanto paradigma das questões sobre o humano, na entrada deste século.

Freud marca a passagem do século XIX para o século XX, revelando a lógica da inconsciência no humano. Lacan dará sentido a essa revelação demonstrando sua lógica e depreendendo, da leitura rigorosa que faz de Freud, o sujeito como efeito de linguagem.

Como todo pensamento que efetiva uma insurreição, o pensamento de Lacan angariou muitos antipatizantes, todavia, contou com inúmeros ouvidos atentos que, apesar da estranheza, não sucumbiram às dificuldades da sintaxe do “Gôngora da Psicanálise”, como foi apelidado nosso personagem.

A Psicanálise, que atravessou o século do consumismo fortificada pelos nós lacanianos, aprendeu, após um período de trôpega identificação, a produzir incessantemente o registro do resultado de uma prática que alterou, radicalmente, a fisionomia das dores da alma ao longo do século em que é fundada.

A Jacques Lacan os analistas devem os elementos para a articulação da Formação, que só com ele, pela via de sua obra, pôde deslocar-se de uma perspectiva imaginária para o ponto onde é presidida pelos princípios análogos aos das operações da estrutura subjetiva.

A obra lacaniana é contida em uma dezena de aforismos, o que lhe valeu muitas admoestações, dado o efeito incomum de seus pronunciamentos. No entanto, esses aforismos são calcados em uma engrenagem teórica de extrema ordenação científica. Jamais um dito de Lacan careceu de um rastro quando ganhava a forma de uma proposição por ele afirmada. E, nesse sentido, a leitura da obra lacaniana é, sem nenhuma dúvida, mais acessível que a de Freud.

Lacan foi um homem controvertido, que levou adiante questões das quais padecia em sua vida. Tal como Freud, era obstinado pelo sucesso e buscava, como Antígona, personagem por ele tão estimada, a imortalidade.

Apassionado pelo cinema e pela arte em geral, buscou, nesse terreno, inúmeras metáforas para suas afirmações, o que aponta sua relação com os termos universais e dá uma textura sofisticada e fascinante ao seu ensino e às categorias por ele fundadas.

Essa é uma faceta de sua obra que difunde a Psicanálise nos campos do saber onde se interroga o humano, fazendo com que se amplie a interlocução da Psicanálise e, conseqüentemente, sua possibilidade para desdobrar as questões.

Pelo lugar que Lacan ocupa na topologia da construção do pensamento humano, reverenciamos, com admiração, neste ano de dois mil e um, os cem anos de seu natalício, e no trilho das identificações que daí se imprimem, situamo-nos, como analistas, inscritos nesta descendência, singularmente atravessados pela dívida simbólica que nos move a abrir novas veredas para os problemas por ele deixados, assim como a estabelecer tantos outros, tal como exige nossa Formação.